

ETHOS, GÊNEROS E QUESTÕES IDENTITÁRIAS*

(Ethos, Genre and Identity)

Maria Sílvia Cintra MARTINS¹
(Universidade Federal de São Carlos)

ABSTRACT: I start the discussion from Aristotle's concept of ethos. I explore the notion of ethos as developed by Maingueneau (2005) and Amossy (2005). Whereas such authors apply their theory to the genres inherent in the spheres of politics and publicity, I try to demonstrate how it is possible to visualize the construction of ethos in children's language, as well as in discourse practices of adults with a low level of schooling. I, thus, try to relate the construction of ethos to the construction of social and virtual identities (Cf. Goffman, 1975, 1996).

KEY-WORDS: ethos; discourse; identity; construction.

RESUMO: Partimos da concepção de ethos presente na Retórica aristotélica e exploramos a noção de ethos em trabalhos de autores contemporâneos, como Maingueneau (2005) e Amossy (2005). Enquanto estes autores aplicam sua teorização preferencialmente aos discursos político e publicitário, tentamos mostrar de que maneira é possível vislumbrar a construção do ethos, tanto em gêneros do discurso infantil, como em práticas discursivas de adultos com baixo grau de escolaridade. Através desses exemplos, buscamos relacionar a construção do ethos com a construção das identidades social e virtual (Cf. Goffman, 1975, 1996).

PALAVRAS-CHAVE: ethos; discurso; identidade; construção.

* Trabalho produzido no âmbito do Projeto Temático "Formação do professor: Processos de retextualização e práticas de letramento" (Fapesp 02/09775-0).

¹ Professora do Departamento de Letras/Ufscar. Pós-doutora em Linguística Aplicada (IEL/Unicamp). Bolsista Fapesp (04/15539-3).

1. Introdução

No capítulo “*Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*”, Eggs (2005) expõe a forma com que, para Aristóteles, o discurso ou a argumentação se constroem com base em três pilares: o *logos*, o *pathos* e o *ethos*. O *logos* diz respeito à argumentação racional propriamente dita; o *pathos* concerne ao envolvimento e ao convencimento do interlocutor; o *ethos* refere-se ao aspecto ético ou moral que o enunciador deixa entrever em seu discurso. Eggs chama-nos a atenção para o fato de que esses três elementos se unem na arte do convencimento e que é nesse sentido que, na reflexão aristotélica, a Retórica implica a união da Ética e da Dialética, sobressaindo o *ethos* como o primordial dentre os três pilares destacados. Segundo o autor, no entanto, com exceção dos trabalhos de Dominique Maingueneau, a pesquisa atual em Lingüística, em pragmática e em teoria da argumentação não tem se voltado para o *ethos*.

Considerado por Aristóteles como praticamente a mais importante das provas da argumentação, o *ethos* pode ser reconhecido nos diferentes gêneros do discurso, como elemento que se acrescenta àqueles já tradicionalmente apontados por Bakhtin (1997): a estrutura composicional, o estilo e o tema característicos de cada gênero. Nesse sentido e na linha do pensamento de Maingueneau, o *ethos* configura-se como a *voz* do *fiador* ou o *tom* que o enunciador insere em seu texto com a finalidade, não apenas de persuadir, mas de aderir ao co-enunciador, propiciando, inversamente, sua adesão ao *logos* que lhe apresenta.

Pretendemos discutir, neste trabalho, de que maneira esse elemento do discurso se relaciona, problemática e complexamente, com a questão inerente à construção das identidades social e virtual (Cf. Goffman 1975, 1996).

2. Entre questões da retórica clássica e aportes da atualidade

No caso da Filosofia clássica, o *ethos* pré-existe ao discurso, na medida em que significa o aspecto moral que o locutor, com diferentes intenções, deixa transparecer em seu discurso. Este fato pode se dar de forma ética ou íntegra, ou com base na mentira e na inverdade. É nesse ponto, aliás, que,

na “Retórica”, Aristóteles (1998) defende a tendência natural do ser humano para o bem, para o verdadeiro e para o justo, de tal forma que tendem a predominar, segundo ele, os discursos de fato transparentes, em que o locutor mostra ou deixa transparecer sua verdadeira moralidade e, caso isso não aconteça, seu interlocutor, com a mesma vocação inata para a moralidade, será capaz de desmascará-lo.

Para Aristóteles, dentre as três provas engendradas pelo discurso — *logos*, *pathos* e *ethos* —, o *ethos* é praticamente a mais importante. Eggs refere-se ao *ethos* através do termo grego *epiēikeia*, com o sentido de *honestidade*: “Diremos, portanto, que o orador que mostra em seu discurso um caráter honesto parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório” (Eggs 2005: 29, ênfase do autor). Além desse sentido moral, o *ethos* adquire, também, na reflexão aristotélica, o sentido de adequação à idade e à classe social do locutor, na medida em que os temas e o estilo escolhidos devem ser apropriados ao *tipo social* do orador. O *ethos* e o *pathos* só pertencem, de fato, à arte retórica quando produzidos e reconhecíveis no discurso, ou seja, quando se mostram como efeitos do discurso proferido, através das escolhas lingüísticas e estilísticas efetuadas pelo orador. É nesse sentido que, na abordagem aristotélica, o *ethos* é *procedural*, pois deve mostrar-se de forma apropriada à idade e à situação social do orador e aos *habitus* de seu auditório.

Transcendendo a retórica clássica, Maingueneau (2005: 69-92) chama-nos a atenção para o fato de que o *ethos* está ligado à enunciação e não a um saber extradiscursivo sobre o enunciador, e nos lembra da observação de Barthes (1966: 212) sobre essa questão:

“São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importando sua sinceridade) para causar boa impressão. [...] O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, ele diz: eu sou isto, eu sou aquilo”.

Maingueneau avança em seu desdobramento teórico a respeito do *ethos*:

“O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir ‘fisicamente’ a um certo universo de sentido. O poder da persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados” (Maingueneau 2005:73).

O autor chama a atenção para o fato de que qualquer discurso escrito possui uma vocalidade específica que se manifesta por meio de um *tom*: este *tom* indica quem o disse, permitindo relacioná-lo a uma fonte discursiva e determinar o “*corpo do enunciador*” – e não do autor efetivo: “*a leitura faz emergir uma origem enunciativa, uma instância subjetiva encarnada que exerce o papel de fiador*” (Maingueneau 2005:72).

Com base em indícios textuais, o leitor constrói a figura do *fiador* que se investe de um caráter e de uma corporalidade. Estes, por sua vez, apóiam-se em estereótipos sociais, ou seja, em representações sociais valorizadas ou desvalorizadas. Neste caso, o *ethos* não pré-existe à enunciação, uma vez que é por seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. Diferentemente do que acontece na abordagem clássica, aqui o enunciador não é um ponto de origem estável, que se expressaria desta ou daquela maneira. É nesse sentido que Maingueneau afasta-se da concepção de *ethos* como *procedimento* ou como *estratégia*, na medida em que, para ele, os conteúdos não pré-existem à cena de enunciação que eles assumem: o fiador legitima sua maneira de dizer por seu próprio enunciado e a cena de enunciação é, simultânea e paradoxalmente, aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra: “*São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem*” (Maingueneau 2005: 77-78).

Os informes publicitários são exemplos privilegiados da maneira com que os textos encarnam as propriedades presentes nas representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, contribuindo para reforçá-las. Ao provocar a identificação e a adesão do co-enunciador aos estereótipos evocados, os textos encarnam as propriedades de determinados fiadores (seja o homem de negócios ou a jovem executiva) e produzem, por meio da enunciação, uma sobreposição entre enunciado e mundo representado. Pela própria enunciação, os textos encarnam, por exemplo, as propriedades associadas ao comportamento dos homens de negócios: um discurso eficaz, que vai direto ao essencial, fornece números, recorre a termos em inglês.

É dessa maneira que, no texto publicitário, o *ethos* do enunciador adapta-se, camaleonicamente, ao *ethos* do co-enunciador, na medida em que adere aos estereótipos sociais por este valorizados, os quais, ao enunciar, o locutor – legitima.

3. Do gênero publicitário a outros gêneros

Cabe-nos perguntar se as reflexões propostas por Maingueneau são específicas dos gêneros que têm sido explorados pelo autor em seus diferentes trabalhos (publicitário, religioso, filosófico) ou se podem ser transferidas para a compreensão dos gêneros do discurso em geral. Esta questão tem importância particular para a pesquisa a respeito da formação do professor e das práticas de letramento. Na tentativa de respondê-la, lembramos a metodologia do “*método inverso*” proposta por Vygotski (1991: 257-406) e retomada por nós em trabalho recente (Martins, 2004: 5): “*parte-se das formas mais desenvolvidas em busca de compreender melhor as formas menos desenvolvidas, e não o contrário*”. Tendo-se o gênero do discurso publicitário como forma mais desenvolvida de comunicação no sentido de pertencer a momento posterior na história cultural da humanidade, a compreensão da forma de sua elaboração e de sua apreensão pode nos propiciar elementos para uma compreensão mais aprofundada dos gêneros do discurso de aparição anterior. Inversamente, também, esse método histórico de análise fornece condições para que, após esse percurso inicial, retornemos às formas culturais mais recentes munidos de uma apreensão mais acurada a seu respeito.

Vamos retomar as características que Maingueneau atribui ao *ethos* para podermos aprofundar essa reflexão. Segundo ele, o *ethos* implica três formas de *incorporação* por parte do co-enunciador:

- o co-enunciador atribui um *ethos* ao *fiador*, entendendo-se o *fiador* como a *voz* ou o *tom* presente no enunciado com o fim de lhe dar fidedignidade;
- simultaneamente, ele incorpora um conjunto de esquemas que definem “*uma forma específica de se inscrever no mundo*” (Maingueneau 2004: 99);
- constitui-se, nesse processo, o *corpo* da “*comunidade imaginária dos que comungam na adesão a um mesmo discurso*” (Maingueneau 2004: 100).

A partir desses pontos, podemos deduzir:

- o enunciador deve trabalhar para a construção dessa *voz*, desse *tom*, de tal forma a conferir fidedignidade a seu discurso;

- simultaneamente – como veremos adiante através do exemplo da carta redigida por um guarda municipal – também ele deve *incorporar* um conjunto de esquemas que definem uma forma específica de se inscrever no mundo;
- seu discurso baseia-se em estereótipos sociais os quais, nesse processo, são reforçados, podendo acontecer, naturalmente, que ele trabalhe na direção de sua ruptura.

Os pontos destacados acima fazem parte da reflexão de Maingueneau com base em textos publicitários e vamos, agora, tentar transpô-los para outras realidades.

4. A construção do ethos em gênero do discurso infantil

Vamos reproduzir trecho de faz-de-conta infantil descrito por Rodari (1982: 131-136):

“Hora: 10.30. Giorgio (sete anos) e Roberta (cinco anos e meio) saem do hotel para o parque que o circunda.

Roberta: - Vamos pegar lagartixas?

Aproximam-se de uma pilha de lenha.

- A gente se escondia.

(...)

Giorgio (sete anos): - A gente estava na floresta, caçando tigres.

Encostam-se em uma rocha que emerge do terreno. Cesto e caixote tornam-se duas cabanas.

Recolhem lenha para a fogueira.

Roberta: - A gente acendia o fogo.

Giorgio: - Daí a gente ia dormir.

(...)

Levantam-se, vagueiam em silêncio por uns instantes. Voltam para a pilha de lenha.

Roberta: - Eu bebo uma cerveja.

Giorgio: - Eu tomo um aperitivo.

(...)

Recolocam a lenha na pilha, como se tivessem acabado de brincar. Giorgio recolhe os pedaços de lenha, Roberta coloca-os sobre a pilha.

Roberta: - Eu que guardava”.

Rodari (1982: 136) chama a atenção para o uso do *imperfeito fabulativo* também nesta última fala de Roberta, e pondera que “(...) *apenas a lingüística, ou a semiótica, nos explicará a ação de reempilhar a lenha, vivida no presente,*

mas exigindo o verbo no imperfeito (...)". Em nosso entender, para melhor compreender essa questão, é necessário notar que o faz-de-conta infantil, comumente praticado por crianças da faixa etária entre cinco e sete anos de idade, é portador de um gênero de discurso específico, levando-se em conta que a linguagem que as crianças desenvolvem no decorrer dessa brincadeira comporta aquelas características típicas dos gêneros de discurso em geral, tais quais destacadas por Bakhtin (1997): estrutura composicional e temas específicos; um estilo próprio, isto é, um conjunto de características genuínas no que concerne ao léxico e às estruturas morfo-sintáticas ali presentes. Quanto à questão referente ao *ethos*, notamos que, assim como nos informes publicitários estudados por Maingueneau, aqui também é possível acompanhar a construção da imagem de si no discurso através de procedimentos enunciativos. O uso do imperfeito fabulativo em *"A gente se escondia"* dá abertura para a cenografia em pauta: neste momento exato, o autor ζ enquanto "ser do mundo" (Cf. DUCROT, 1984) dá lugar ao locutor L enquanto "ser do discurso". Lembramos, quanto a esse aspecto, que, para Ducrot (1984), o *ethos* está ligado a L, ao "locutor" enquanto fonte da enunciação. Acontece que, no faz-de-conta infantil, é tênue a linha que separa essas duas instâncias do discurso, de tal forma que, embora o imperfeito fabulativo seja marca lingüística de L – e não de ζ –, na fala final de Roberta é como se as duas instâncias se recobrissem, uma vez que, nesse momento, é a Roberta real quem guarda a lenha, e não a personagem do mundo virtual à qual está ligado o *ethos* da caçadora construído no decorrer da enunciação.

É digno de nota, aliás, o fato de que, segundo Maingueneau (2005), o *ethos* é condicionado pela cena da enunciação que integra, por sua vez, três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia:

"A cena englobante corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático: literário, religioso, filosófico... A cena genérica é a do contrato associado a um gênero, a uma 'instituição discursiva': o editorial, o sermão, o guia turístico, a visita médica... Quanto à cenografia, ela não é imposta pelo gênero, ela é construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral, profética etc." (Maingueneau 2005: 75).

Nesse sentido, o *ethos* que as crianças constroem está em íntima relação com a cena englobante (brincadeira infantil), com a cena genérica (jogo de papéis ou de faz-de-conta) e com a cenografia em que Roberta e Giorgio

tornam-se caçadores e suas falas são continuamente pontuadas pelo uso do imperfeito fabulativo, de tal forma que as marcas lingüísticas apontam para o *ethos* em construção. Vale notar, ainda, o uso dos performativos sempre acompanhando as ações em andamento, uma vez que, no caso deste gênero do discurso infantil, deve haver íntima relação entre o que se diz na construção discursiva fictícia e as ações fictícias simultaneamente empreendidas. Em “*Eu bebo uma cerveja*”, “*Eu tomo um aperitivo*”, é nítida a adesão a estereótipos sociais: o habitus do ser humano adulto – certamente calçado nos adultos com que estas crianças costumam conviver – é reproduzido através dos estereótipos presentes em “beber uma cerveja” ou “tomar um aperitivo”. Lembramos, nesse sentido, a observação de Amossy (2005:125), para quem a noção de estereótipo desempenha papel essencial no estabelecimento do *ethos*. A autora pondera:

“De fato, a idéia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares. Para serem reconhecidas pelo auditório, para parecerem legítimas, é preciso que sejam assumidas em uma doxa, isto é, que se indexem em representações partilhadas. É preciso que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes, mesmo se se tratar de modelos contestatórios.”

Por outro lado, vale notar que, assim como no caso dos textos publicitários, podemos nos questionar a respeito da relação entre a construção do *ethos* propriamente dito, enquanto instância enunciativa, e a construção da identidade social, ou seja: em que medida a dimensão sócio-cultural interfere na construção do *ethos* e, inversamente, em que medida a manipulação discursiva que o *ethos* propicia interfere na construção da identidade social? Quanto a esse aspecto, Amossy (2005: 136) propõe que levemos em consideração a influência mútua entre *ethos institucional* e *discursivo*. Seguindo essa linha de pensamento, podemos dizer que, se, por um lado, a brincadeira infantil – particularmente o jogo de papéis presente no *faz-de-conta* infantil – propicia a construção da identidade social (Cf. Vigotski, Luria & Leontiev 1991), por outro, é a construção de *ethos* diferenciados, de acordo com os diferentes papéis experimentados em cada brincadeira, que abre caminho para essa construção.

Há, de toda maneira, momentos em que os conceitos de construção da identidade social e construção do *ethos* – seja institucional ou discursivo – parecem remontar. Goffman (1996) refere-se à construção da identidade social, real ou virtual, – e não ao *ethos* – quando trata de interações face-a-

face, que, no caso, se inserem no gênero do discurso das conversas pessoais. Já Amossy trata do discurso do político francês Le Pen e da carta aberta redigida pelo escritor Jean Giono em termos de *ethos discursivo* e de *ethos prévio* ou *institucional*, e não de identidade social. Vale a pena, de toda maneira, lembrar das palavras de Goffman (1996: 25) quando se refere à construção da *identidade virtual*, algo que já aparece de forma latente nas construções das crianças em suas brincadeiras de faz-de-conta:

“Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que vêem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as conseqüências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.”

Apresentamos um segundo corpus que também diz respeito a gênero do discurso infantil. Neste caso, estamos diante do que Leontiev (2001) denomina “jogo de direção”, um estágio mais avançado de brincadeira infantil, embora, no caso que apresentamos, as crianças sejam mais novas que aquelas que desenvolviam a brincadeira anterior.

“Para facilitar a leitura, as crianças serão identificadas, simultaneamente, como Felipe (cinco anos), Daniel (seis anos) e Marília (cinco anos).

(...)

Felipe: Ai, que dia bom!

Segura um dos bonecos, passeando com ele pelo quarto, imitando com a boca, os sons de uma máquina movimentando-se.

Felipe: Daí eu tive coragem e segurei!

Refere-se à contenção da ‘avalanche’, que está sendo representada por uma bola de futebol que se encontra num dos cantos do quarto.

Daniel: Não, nós dois!

(...)

Felipe: Daí, essa avalanche começou a cair e ninguém venceu ela!

Daniel: Só eu!

Felipe: Não, ninguém!

(...)

Daniel: Pronto, vamos fugir!

Antecipa verbalmente que deverão fugir da ‘avalanche’ que está por vir.

Felipe: Não! Vamos tampar tudo, vamos fazer um reforço, já que a gente é trabalhador! (...)
(França 1990: 48-50).

Chamamos a atenção para a fala inicial de Felipe “Ai, que dia bom!”, que cria a distância temporal necessária entre L e ζ , dando início à ceno-

grafia em pauta. Diferentemente do que acontece no jogo de faz-de-conta, neste caso as crianças incorporam os personagens presentes nos bonecos e se servem deles como de marionetes. São dignas de nota as falas “*Daí eu tive coragem e segurei!*” e “*Não! Vamos tampar tudo, vamos fazer um reforço, já que a gente é trabalhador!*”, que apontam para a preocupação da criança em assumir o *ethos* do trabalhador, enquanto *fiador* que, dotado de coragem, deve fazer um reforço, e não fugir da avalanche, de forma a dar fidedignidade a sua ação.

Compreendemos que esses dois exemplos de gêneros do discurso infantil são característicos da transição entre o que Maingueneau denomina *ethos escritural* e *ethos oral*: “*Trata-se de dois regimes muito diferentes, uma vez que o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado, enquanto o primeiro exige do leitor um trabalho de elaboração imaginária a partir de indícios textuais diversificados*” (Maingueneau 2005: 74).

Vale notar, de toda maneira, que, seja no jogo de faz-de-conta, seja no jogo de direção, temos diante de nós crianças que desempenham papéis fictícios, porém o *ethos* ainda não se encontra plenamente encarnado. No caso da brincadeira de faz-de-conta, acompanhamos o uso constante do imperfeito fabulativo que cria uma distância entre L e ζ , deixando explícita a fabulação em andamento. Como, segundo Maingueneau (2005: 70), a eficácia do *ethos* “*decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado*”, podemos dizer que ainda nos encontramos, neste caso, diante de uma situação elementar em que as crianças constroem um *ethos* que lhes é exterior, que ainda não são capazes de trabalhar internamente à enunciação.

O jogo de direção já apresenta uma situação ligeiramente diferente, o que podemos perceber pela primeira fala de Felipe e pela ausência do imperfeito fabulativo. As crianças estão aprendendo a encarnar seus personagens de forma mais definitiva, sem que se crie aquela distância explícita entre L e ζ . As marcas lingüísticas presentes na exclamativa “*Ai, que dia bom!*” apontam para o *ethos* do “*ser do discurso*” que as crianças tratam de confirmar, como vimos, através de suas ações.

Já no caso de gêneros do discurso de regime escritural, se é fato que exigem do leitor, como Maingueneau alerta, um trabalho de elaboração imaginária, também é fato que exigem de quem escreve essa construção de um corpo imaginário e de uma tonalidade específica a cada gênero em

questão: “(...) *uma diversificação do ethos em razão das especificidades dos tipos e gêneros de discurso (...)*” (Maingueneau 2005:70).

5. A construção do ethos entre adultos

Passamos à análise de outra realidade, agora presente entre adultos que experimentam gêneros do discurso estranhos, em princípio, a sua origem social. Com esse intuito, vamos reproduzir um trecho retirado da pesquisa efetuada por Signorini (2000: 48) a respeito de adultos alfabetizando. Trata-se de citação de um fragmento de carta que um guarda municipal endereçou ao prefeito de Cosmópolis, pequena cidade interior do estado de São Paulo, no ano de 1992:

“Ilmo Sr J.P., Digníssimo Prefeito desta Cidade.
Venho através desta desferir votos de agradecimento pelo que tens feito à mim, e a outros cidadãos cosmopolense; principalmente os beneficiados pelo projeto *Chico Mendes*.
Através deste projeto foi que realizei o sonho de ter uma casa própria, casa esta, situada na Quadra C Lote 08 Jd Chico Mendes. Este projeto é a demonstração de um político voltado para os interesse dos menos favorecidos.
(...)
Obrigado
Estes são os sinceros agradecimentos do Guarda Municipal A.S. de O.”

Signorini observa:

“*Trata-se de uma tentativa de reprodução de modelos textuais comumente utilizados em diferentes práticas de uso da escrita. (...) Se por um lado, esse modo de construir o texto aponta para deficiências atribuíveis ao grau de escolarização do remetente e, sobretudo, para sua posição periférica nas redes letradas de comunicação social, por outro também aponta para um sujeito ativamente empenhado não só em se fazer ouvir, mas também em legitimar sua voz pelo uso estratégico de fragmentos lingüísticos que sinalizam sua condição de membro, isto é, de não excluído dessas mesmas redes letradas de prestígio*” (Signorini 2000: 48-49).

Vamos, inicialmente, levar em consideração alguns elementos presentes na “*Retórica*” para tentar entender de que maneira, por trás das escolhas lingüísticas, podemos enxergar a questão concernente ao *ethos* e à tentativa de *incorporação* da voz de um *fiador* calcada em estereótipos sociais, também no caso da carta citada. Para Aristóteles, conforme já comentamos

anteriormente, “os temas e o estilo escolhidos devem ser apropriados (oikeia) ao *ethos* do orador, a saber, à sua *hélix*, ao seu *Habitus*, ou – para empregar um termo da sociologia interacionista – ao seu **tipo social**” (Eggs 2005: 29-30, ênfases do autor). Nesse sentido, o orador deve mostrar “um *ethos* apropriado à sua idade e à sua situação social” (Eggs 2005: 39).

Se transportarmos, porém, a mesma questão para a reflexão de Maigneueau a respeito do *ethos*, encontraremos a possibilidade do manejo ou da manipulação do *ethos*, de acordo com as intenções do locutor e independentemente da idade ou da situação social real do autor, enquanto “ser do mundo”. No entanto, no caso do guarda municipal, podemos dizer que, como enunciador, ele não *incorporou*, plenamente, o *ethos* necessário para o *tom* que pretendia atribuir a sua carta, deixando transparecerem nela elementos pertencentes a outro (ou a outros) *ethos*. Quando, nos termos de Signorini, ele faz “uso estratégico de elementos lingüísticos que sinalizam sua condição de membro, isto é, de não excluído dessas mesmas redes letradas de prestígio”, é o *ethos* das esferas de prestígio que este elemento de “posição periférica” tenta mostrar através de suas escolhas lingüísticas pontuais. Porém, como ainda não *incorporou* plenamente esse *ethos* para poder mostrá-lo de forma eficaz, deixa transparecerem, simultaneamente, indícios do *ethos* do “homem rude” mencionado por Aristóteles: “um homem rude não poderia dizer as mesmas coisas nem dizê-las da mesma maneira que um homem culto” (apud Eggs 2005: 29).

Signorini (2000: 49) considera que “as fragmentações freqüentes na superfície do texto são as marcas justamente dos diferentes modos de apropriação, por parte desses excluídos (...) do que lhes é apresentado como mais saliente nas práticas letradas mais comuns”. À luz da reflexão que vimos tecendo com base na concepção de Maigneueau, podemos acrescentar que essa apropriação fragmentada dos elementos lingüísticos aponta para a questão inerente ao *ethos* e para o que este implica em termos de *corporalidade* e de *incorporação*:

- como enunciador, o guarda municipal tentou trabalhar para a construção da *voz* ou do *tom* do *fiador* de seu discurso, de tal forma a conferir-lhe fidedignidade;
- simultaneamente deveria *incorporar* um conjunto de esquemas que definem essa forma específica de se inscrever no mundo, porém provavelmente careceu de elementos culturais suficientes para essa *incorporação*, o que se percebe através da utilização insuficiente dos estereótipos sociais nos quais tentou se basear.

“Ilmo Sr J.P., Digníssimo Prefeito”, “desferir votos de agradecimento”, “Estes são os sinceros agradecimentos”, entre outras, são marcas dessa tentativa de incorporação do *ethos* da cultura de prestígio e, nesse sentido, apontam para L – o locutor ou o “ser do discurso”-, enquanto as marcas “Através deste projeto foi que realizei o sonho de ter uma casa própria” ou “obrigado” apontam para o autor ζ enquanto “ser do mundo”. É a disparidade entre L e ζ que conduz às fragmentações lingüísticas, algo que, em outros termos, podemos também vislumbrar como uma disparidade entre o *ethos oral* (ainda mais próximo de ζ) e o *ethos escritural* (que exige aquele “trabalho de elaboração imaginária” e reporta a L).

Vale a pena retomar, para melhor compreender essa disparidade, a relação que o *ethos* estabelece com a cena da enunciação e com as três cenas nela implicadas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. No caso em pauta, o guarda municipal tenta redigir uma carta formal que deveria se inserir no gênero do discurso administrativo, porém, sem se dar conta dos rituais pertinentes a esse gênero, traz para a cena da enunciação elementos pertencentes a outros gêneros - no caso, ao da conversa pessoal ou mesmo ao da carta pessoal - enquanto gêneros primários do discurso, de acordo com a distinção estabelecida por Bakhtin (1997). Com isso, põe em cena uma cenografia mista da qual faz parte um *ethos* fragmentado ou bipartido.

É interessante, de resto, dentro da reflexão que tecemos, contrastar a carta aberta de Jean Giono (Amossy 2005: 131-136) com esta carta do guarda municipal. Amossy alerta para a construção proposital de um “auditório composto”, no caso da carta aberta aos camponeses redigida por Giono em meio à Segunda Guerra, a qual o escritor dirige, simultaneamente, ao homem simples do campo e aos burgueses letrados, fazendo uso de um estilo simples e direto, e de linguagem metafórica:

“Estas crianças, suas crianças, voltam da escola com as mochilas cheias dos primeiros livros, não ousamos mais olhar para seus olhos claros e suas faces rosadas. Imaginamos a carnificina na relva, seus corpos se decompondo no meio de terras desertas, e vemos vocês, os pais, ocupados em matá-las com uma tranqüilidade inconsciente” (Amossy 2005: 134).

Neste caso, podemos notar que o escritor adere à linguagem que, segundo tem conhecimento, faz parte do universo cultural dos interlocutores a quem quer se dirigir, dentro de uma construção especular do *ethos*:

“O orador apóia seus argumentos sobre a doxa que toma emprestada de seu público do mesmo modo que modela seu ethos com as representações coletivas que assumem, aos olhos dos interlocutores, um valor positivo e são suscetíveis de produzir neles a impressão apropriada às circunstâncias” (Amossy 2005: 124).

Certamente, é esse tipo de comportamento que o guarda municipal pretendeu reproduzir, porém sem o mesmo grau de *incorporação* dos estereótipos de prestígio e do *habitus* da classe à qual quis se dirigir. Já a incorporação efetuada pelo escritor pôde ser bem sucedida, pois *“na medida em que propõe uma imagem de si que se confunde com um habitus, ele [o locutor] apresenta maneiras de pensar e de falar; um modo de ser que permite o reconhecimento e a integração no grupo, de onde se assegura a dominação” (Amossy 2005: 141).*

As falas de adultos não-escolarizados, coletadas por Pereira (1998), são igualmente representativas dessa duplicidade presente na linguagem de adultos que, enquanto denunciam sua origem social, simultaneamente almejam à inserção nos padrões de prestígio da sociedade letrada: *“{...} veja bem quanto é duro a nossa luta, nós precisamos ter a linguagem mais humilde e ter a linguagem também para poliglota” (Pereira 1998: 136-137).*

Quando a entrevistadora lhe pergunta se não é possível manter a mesma forma com que se dirige aos mais humildes para dirigir-se aos deputados, o líder sindicalista lhe responde:

“Pode e seria o mais correto talvez até mesmo pra mostrá pra esse deputado a necessidade que a população tem da sua atenção na área cultural, mas se você falá assim com os deputados como você fala com os humildes não leva a nada {...} se você for falá com ele num linguajar muito simples, demonstrando pra ele que realmente você é humilde, ele vai falá Deus do céu, lá na cabeça dele funciona dessa maneira, se este é o líder e fala desta maneira, imagine os seus seguidores como deve sê eu acho que lá na cabeça dele ele deve tá vendo um bando de canibal na frente dele” (Pereira 1998: 137).

Estas duas falas não dizem respeito, apenas, a questões inerentes a padrões lingüísticos: elas apontam para a construção da imagem de si no discurso, para a construção do *ethos* como parte integrante da cena da enunciação e para os recursos lingüísticos que este implica. Simultaneamente, levantam questões no que concerne às identidades reais e virtuais. O líder sindicalista demonstra sua preocupação em construir um *ethos*, isto é, a voz de um *fiador* que não aponte para sua origem humilde, que não condiga com um pertencimento a um *“bando de canibal”*, mas que, em vez disso, ao

se espelhar nos estereótipos valorizados por seu co-enunciador, ao aderir a eles e à “*linguagem para poliglota*”, possa contar com sua adesão.

Também certa diversidade lexical presente na fala da líder sindicalista Lúcia denuncia a tensão que se cria entre o *ethos oral* e o *ethos escritural*:

*“Eu me sinto inferiô na hora de escrevê porque eu quero **elaborá** um documento e tenbo que pedi pra outras pessoas e se eu soubesse mesmo escrevê eu mesmo **elaborava** e escrevia aquilo que eu mesmo tenbo vontade de falá pros governante, né, e quando a gente pede pras outras pessoa elas **distorce** as palavras, né, vem com palavras difíce pra **manipulá** e a gente não entende nada”* (Pereira 1998: 116-117 – ênfases nossas).

Uma vez que o *ethos* - enquanto *voz* ou *tom* que o fiador imprime a seu enunciado – aponta preferencialmente para os elementos formais ou de estilo presentes nos enunciados, chamamos a atenção, neste caso, para a presença dos itens lexicais “elaborar”, “distorcer” e “manipular”, que parecem ter migrado de outros gêneros, de outras cenas de enunciação.

6. Considerações finais

Estabelecemos relações entre realidades lingüísticas que, em princípio, poderiam parecer discrepantes. Partimos da caracterização do *ethos* no gênero do discurso publicitário presente nas esferas de atividade adulta da sociedade contemporânea para melhor entender os gêneros do discurso próprios do *jogo de faz-de-conta* e do *jogo de direção* presentes na esfera de atividade infantil. Foi possível perceber, nesse percurso, que a análise dos gêneros do discurso infantil também propicia elementos para que possamos entender com mais clareza o gênero do discurso do qual partimos de início. Dentro de uma análise que leva em consideração idas e vindas do mais complexo para o mais simples, e vice-versa, foi, ainda, possível levar em consideração outros gêneros intermediários, tais quais a conversa pessoal, a carta pessoal, a carta administrativa, a entrevista, a carta de teor literário dirigida a um auditório compósito. Trata-se, naturalmente, dentro da dimensão deste artigo, apenas de um esboço de análise, faltando-nos considerações mais aprofundadas, que nos levariam a tecer relações, por exemplo, entre as diferentes esferas de atividade com as conseqüências que comportam sobre os gêneros do discurso nelas implicados.

Tentamos mostrar de que maneira se constrói o *ethos* nesses diferentes gêneros do discurso e discutimos a relação entre a construção discursiva do *ethos* e a construção das identidades real e virtual. Assim como no caso das crianças em fase de construção de sua identidade social, podemos discutir as questões identitárias inerentes, por exemplo, à carta do guarda municipal: em que medida a incorporação total ou parcial do *ethos* interfere na identidade social do guarda municipal? Poderemos supor, como no caso das crianças, que a manipulação de diferentes *ethos* também será produtiva entre esses adultos em fase de escolarização? Ou será que, ao buscar reproduzir os estereótipos sociais, esses elementos de “*posição periférica*” estão se descaracterizando, uma vez que, dessa maneira, negam ou “*acobertam*” (Cf. Goffman 1975) sua verdadeira identidade social?

São questões instigantes que tentamos responder apenas em parte no decorrer deste nosso trabalho.

Recebido em janeiro de 2006

Aprovado em junho de 2006

E-mail: msilviamart@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMOSSY, Ruth. 2005. *O Ethos na Intersecção das Disciplinas: Retórica, Pragmática, Sociologia dos Campos*. In: Amossy, Ruth (Org.). *Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto.
- ARISTÓTELES. 1998. *Retórica*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BAKHTIN, Mikhail. 1997. Os Gêneros do Discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes: 277-326.
- BARTHES, Roland. 1966. L'ancienne rhétorique. In: *Communications*, 16: 202-215.
- DUCROT, Oswald. 1984. *Le Dire et le Dit*. Paris: Minuit.
- EGGS, Ekkehard. 2005. Ethos Aristotélico, Convicção e Pragmática Moderna. In: Amossy, Ruth (Org.) *Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto: 29-56.
- FRANÇA, Gisela Wajskop. 1988. O papel do jogo na educação das crianças. *Revista Idéias*. São Paulo: FDE, v. 1.
- GOFFMAN, Erving. 1975. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.

- _____. 1996. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- LEONTIEV, A.N. 2001. Os Princípios Psicológicos da Brincadeira Pré-escolar
In: Vigotskii, Luria E Leontiev. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone.
- MAINGUENEAU, Dominique. 2004. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez.
- _____. 2005. Ethos, Cenografia, Incorporação. In: Ruth Amossy (Org.). *Imagens de si no Discurso: a Construção do Ethos*. São Paulo: Contexto: 69-92.
- MARTINS, M. Sílvia C. 2004. A adoção no método inverso na compreensão da linguagem escrita. *CD-ROM da 27ª Reunião Anual da ANPED*. Caxambu. Versão on-line disponível no site www.anped.org.br/27ra.htm. GT 10 - Alfabetização, leitura e escrita.
- PEREIRA, Ivani Aparecida. 1998. *A Oralidade Letrada de Lideranças não-Escolarizadas*. Tese (doutorado). Campinas: UNICAMP.
- RODARI, Gianni. 1982. *Gramática da Fantasia*. São Paulo: Summus.
- SIGNORINI, Inês. 2000. O Contexto Sociocultural e Econômico: às Margens da Sociedade Letrada. In: Kleiman, Ângela B., Signorini, Inês e colaboradores. *O Ensino e a Formação do Professor: Alfabetização de Jovens e Adultos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- VIGOTSKII, Luria & Leontiev. 2001. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. São Paulo: Ícone.
- VYGOTSKI, Lev Semenovich. 1991. *Obras Escogidas*, t.I. Madri: Visor e MEC.